

“Muitos me chamaram de aventureiro e o sou, só que de um tipo diferente: dos que entregam a vida para provar as suas verdades”.

Che Guevara



ANTÔNIO RAYMUNDO DE **LUCENA**

Antônio Raymundo de Lucena, o Doutor da VPR

“Muitos me chamaram de aventureiro e o sou, só que de um tipo diferente: dos que entregam a vida para provar as suas verdades”.

Che Guevara

Antônio Raymundo de Lucena nasceu em Colinas, no Maranhão, no dia 11 de setembro de 1921, filho de José Lucena Sobrinho e Ângela Fernandes Lima Lucena. De família humilde, sofreu bastante com as mazelas causadas pela pobreza.

Começou a trabalhar ainda criança. Aos 8 anos, perdeu a vista em função de uma úlcera ocular. Logo largou a escola, pois tinha muita vergonha das brincadeiras maldosas dos colegas com relação ao uso de óculos escuros que escondiam o defeito do olho.

Abandonou os estudos, mas era uma pessoa muito inteligente e habilidosa. Por conta disso, recebeu dos conhecidos a alcunha de “Doutor”. “O meu marido era um homem brilhante. Se tivesse estudado seria um grande engenheiro”, observa Damaris de Oliveira Lucena sua companheira.

Quando jovem passou a trabalhar no campo de agricultura e nesse período já revelava sua preocupação com o próximo. Afinal, Antônio organizava a colheita e sugeriu ao patrão doar a cada trabalhador uma cesta com um pouco do que era produzido naquela plantação. Por causa dessa atitude era muito benquisto pelos outros trabalhadores.

Aos 18 anos casou-se pela primeira vez, porém logo se separou. Triste com o fim do casamento mudou-se para Caxias, também no interior do Maranhão, para trabalhar em uma fábrica. Nessa indústria conheceu Damaris e logo se casaram, embora meio a contragosto da família dela.

Com pouco mais de um ano de casamento, no dia 31 de maio de 1949 nasceu o primeiro filho do casal. Com dificuldades para sustentar a família, Antônio Raymundo mudou-se para Fortaleza para trabalhar como servente de pedreiro na construção do Banco Sul América. Posteriormente seu padrinho o ajudou, arrumando-lhe um emprego em uma tecelagem.

Depois de oito meses em Fortaleza, Damaris foi ao seu encontro, com o filho pequeno. Ao chegar à cidade, Damaris não sabia que o marido estava com viagem marcada para São Paulo, onde pretendia

arrumar um emprego melhor. Antônio não contou nada a ela e pediu para que retornasse ao Maranhão, pois dentro de alguns meses mandaria buscá-la.

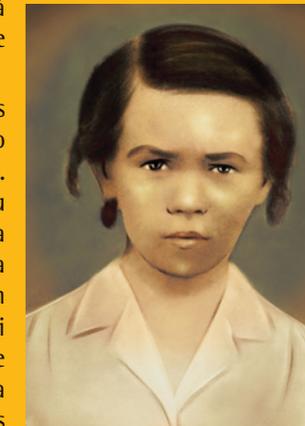
Em março de 1950, Antônio tomou um caminhão pau-de-arara rumo a São Paulo. Aos dois meses na capital paulistana mandou buscar a mulher e o filho, afinal já estava trabalhando na Tecelagem Jafet onde logo em seguida Damaris também trabalharia.

Muitas dificuldades ainda seriam enfrentadas pelos Lucena. Em razão da penosa viagem a São Paulo e da subnutrição, o filho do casal morreu. “Nosso filho morreu de fome, porque passou muita privação no Maranhão, pois eu não tinha recursos. Trabalhava para poder comprar uma lata de leite em pó para o menino. Era um sacrifício muito grande. Quando chegamos aqui o coitado estava muito magrinho, raquítico e logo pegou sarampo. Naquela época não tinha vacina. A criança não resistiu e morreu. Isso nos abalou demais”, relembra Damaris.

Para Antônio Raymundo, que gostava muito de crianças, a morte do filho tomou-se um grande trauma. Entretanto, para a felicidade do casal, em 1951, Damaris engravidou novamente. Trabalhou durante toda a gestação, contando agora com o auxílio das freiras que lhe indicavam a melhor maneira de se tratar durante a gravidez. No dia 6 de outubro de 1951, nasceu Ariston.

A inserção na militância

Antônio e Damaris logo ingressaram na militância sindical. Ele no sindicato dos metalúrgicos, ela no dos têxteis. Em 1952, compraram um terreno em São João Clímaco e começaram a construir uma casa. Nesse local conheceram uma família do Paraná que estava em São Paulo fugindo da repressão, porque eram comunistas. A convivência com estas pessoas despertou ainda mais o sentido de justiça em Antônio e Damaris, que logo perceberam que desejavam a mesma sociedade almejada pelos comunistas. Em 1954, ingressaram no Partido Comunista Brasileiro (PCB).



Damaris
ainda criança,
no Maranhão

O casal passou a atuar ativamente nos sindicatos e também dentro do partido. No PCB passaram a ter contato direto com Pedro Pomar, João Amazonas e outros importantes líderes.

Em 1955, Damaris ausentou-se do trabalho durante cinco dias para participar da Conferência Nacional das Mulheres, no Rio de Janeiro. Porém, ao regressar, foi demitida acusada de insuflar as outras operárias.

1964

A militância do casal no Partido Comunista resumia-se à panfletagem, venda de livros e na arregimentação de novos militantes. Esse engajamento durou até o golpe de 31 de março de 1964, quando pediram afastamento de suas atividades por tempo indeterminado, pois já discordavam da postura adotada pelos PCB diante do golpe militar.

Ainda em 1964, Antônio aposentou-se por invalidez. Com a família crescida, agora eram quatro filhos (Ariston, os gêmeos Denise e Adilson e a caçula Ângela Telma), procurou outra alternativa de trabalho. Fez um dia de treinamento na Clock e passou a consertar painéis de pressão na feira. Enquanto isso, Damaris tirou habilitação e comprou uma perua para facilitar o transporte do material de trabalho.

1967

Em 1967 retornaram à política. “Nessa época começaram a sair da cadeia os sargentos que tinham sido presos na época do golpe. Os sindicatos ainda estavam em pé e foi aí que conhecemos alguns companheiros ex-presos e ingressamos num grupo de resistência à ditadura, que era a VPR”, comenta Damaris.

A luta armada

Em 1967, o casal ingressou na VPR onde militaram até 1970. Foi aí então que passaram a conviver com pessoas bastante importantes na luta contra a ditadura: Carlos Lamarca, Darcy Rodrigues, Pedro Lobo, Iara Lavelberg, Eduardo Collen Leite, entre outros.

Devido à militância, moraram em diversos lugares: Praia Grande, Cidade Ocean, Embu-Guaçu e Atibaia. Participaram de algumas ações, mas nada que pudesse colocar em risco a estrutura da organização colocada a cargo do casal no aparelho em que moravam.

Na casa de Doutor e Damaris ficava guardado todo o material da VPR, desde armas, fardas, livros, documentos internos e dinheiro, bem como companheiros perseguidos. Grande parte das armas e da munição expropriada do quartel de Quitaúma, bem como parte do dinheiro da ação de expropriação do Cofre do Adhemar de Barros ficaram sob responsabilidade do casal.

Em Atibaia, moraram no Jardim das Cerejeiras, bairro um tanto afastado do centro da cidade, tentando parecer uma família normal. Damaris circulava livremente pela cidade, nunca deixando de ajudar os vizinhos em suas necessidades. Doutor, procurado nos cartazes da ditadura, vivia mais reservado, sem sair muito para evitar o perigo.

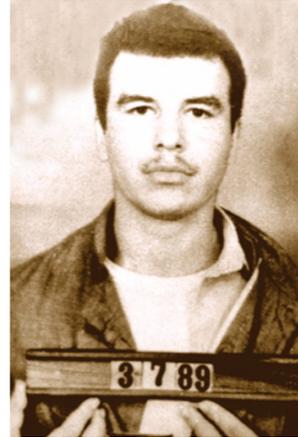
A convivência com a nata da militância da organização despertou em Ariston, filho mais velho, o desejo de engajar-se também. No início, houve uma certa discordância com relação a isso, mas logo depois os pais e o comando da VPR aceitaram a integração o rapaz no quadro de militantes da Organização.

No início, Ariston apenas cumpria tarefas simples, como levar companheiros a reuniões, buscar armas etc. Sua primeira grande participação deu-se num dos mais importantes capítulos da história da VPR: o treinamento no Vale do Ribeira.

A tragédia

Atibaia, 20 de fevereiro de 1970:

“Era mais ou menos três e meia a tarde e eu estava ensinando a lição das crianças. Estava chovendo. Era um dia muito frio. Na casa tínhamos um portão de Madeira que eu sempre fechava, mas nesse dia ficou entreaberto. Eles entraram, pararam o carro lá no meio da rua e entraram. Eram todos soldados da Força Pública Bateram na porta com força e vi dois policiais entrarem. Meu marido estava dormindo. Perguntaram por ele e eu disse que estava dormindo. Chamei-o e falei que tinha dois policiais. Perguntaram-me se o carro era nosso e nós realmente tínhamos os documentos do carro. Antônio



Ariston Lucena na identificação no momento de sua prisão

foi chamado a comparecer à Delegacia. Disse que esperassem que vestisse a camisa. Quando voltou começou o tiroteio. Foi uma luta desigual porque ele estava sozinho.

Quando abriu a porta deram o tiro de misericórdia na cabeça dele, fato este presenciado por mim e por minha filha Telma. Ela deu um grito! Só ouvia eles aos gritos: ‘- Mata ela e os filhos dela também!’.”

Depois de uma vida de luta para sobreviver e para libertar seu povo da miséria, Antônio Raymundo Lucena estava morto.

Damaris foi presa e torturada. Saiu da prisão quase um mês depois quando foi banida com os filhos menores para o México em consequência do seqüestro do cônsul japonês. No dia 15 de março de 1970, arrebatada pela tortura e sofrendo com a morte violenta do marido, Damaris e os filhos chegavam ao México.

Na chegada, Damaris e os filhos foram convidados por Fidel Castro para morar em Cuba, para onde se mudaram. Passaram dez anos na ilha socialista, longe de Ariston que, logo ao sair do Vale do Ribeira, foi preso, ficando detido durante nove anos e meio. Só retornaram ao Brasil após a Anistia.

Adilson, Telma e Denise, no DOPS



A luta por justiça

Assim que retornou ao Brasil, a família de Antônio Raymundo passou a lutar incessantemente para fazer com que o Estado assumisse a responsabilidade por sua morte, bem como para tentar localizar seus restos mortais.

Muito pouco pôde ser apurado sobre a morte de Doutor. Algumas informações afirmam que foi enterrado numa fossa com ácido, juntamente com outras ossadas de desaparecidos políticos no cemitério de Vila Formosa. Outras dão conta que um bosque foi plantado sobre os ossos dos guerrilheiros Apesar da busca constante, até hoje a família não encontrou seu corpo.

Durante os trabalhos da Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos para analisar os casos dos mortos, o Estado assumiu a responsabilidade pela morte e ocultamento dos restos mortais de Antônio Raymundo de Lucena.

Antônio Raymundo em poucas palavras

“Eu resumiria o meu pai assim: foi um ser humano que acreditou em uma causa coletiva. Lutou por todos os filhos, não desse país, mas da humanidade. A família Lucena, todo dia 20 de fevereiro faz um minuto de silêncio para ele, não para o marido da minha mãe e pai desses filhos que ficaram aqui. É o pai que deu a vida por um ideal, por algo em que acreditava. O pai que permitiu que essa democracia que vivemos hoje fosse possível. Acho que isso é um legado que ninguém pode nos tirar. Ceifaram sua vida, não nos pouparam do sofrimento, fizeram com que passássemos amargura, dor, constrangimento, mas há uma coisa que eles não puderam tirar e que foi o bem que meu pai deixou para os filhos: dignidade. Nós podemos levantar a cabeça e dizer: somos filhos do Antônio Raymundo de Lucena e isso não tem preço.

“Quero que ele seja lembrado como aquele nordestino pobre, analfabeto, lutador, uma pessoa que sofreu todo tipo de preconceito, mas que venceu, pois deu a vida pelos ideais em que acreditava”, finaliza a filha caçula.



Damaris Lucena hoje



Doutor, em uma de suas imagens mais conhecidas